

INVERTIDO

HENRIQUE MONTAGNE

INVERTIDO

HENRIQUE MONTAGNE

Projeto contemplado com o Prêmio Branco de Mello
Belém, Pará, Brasil
2023

INVERTIDO(S)

Desenho, pintura, colagem, história em quadrinhos, vídeo-instalação, objeto... Importa o meio ou o suporte da imagem? Para Henrique Montagne, importa primeiro fazer da imagem um gatilho ou um dispositivo estético/político contra a normatividade “moral” do patriarcado – aquele mesmo que arregimentou ciências, religiões e filosofias para inventariar “desviados”, “invertidos” ou “pervertidos”. Mas, nas próprias escolhas técnicas e expressivas, Henrique já manipula grafias “limpas” e “sujas”, com a consciência de que a fatura do traço (por si só) evoca sentidos submersos, subconscientes ou sub-reptícios.

Sob essa camada expressiva já semantizada, assoma a memória (sempre dúbia, inexata, coletiva), atravessada por imaginários disruptivos e imaginárias inconformadas, sempre em busca de fissuras, meandros, dobras, pregas ou brechas que todo exercício de poder e de saber totalitários dissimulam. A arte pode ser um apontamento de fendas, um dedo metido na ferida. Aqui, ela é.

Entre o cru e o cozido da cultura de massas, Henrique afronta paladares. Revisita os clichês sobre a masculinidade corrosiva enquanto, paradoxalmente, agencia essa mesma masculinidade como fetiche para certas camadas das chamadas sexualidades dissidentes. Inverte (ou perverte), na suposta inocência disneyficada da infância, os índices da injúria sobre gays e queers, instalando sua poética (e seus chifres profanos) num fio de navalha estendido (e tensionado) entre o kitsch e o pop, entre o “bom” e o “mau” gosto – pra fora e acima da manada, como diria Caetano.

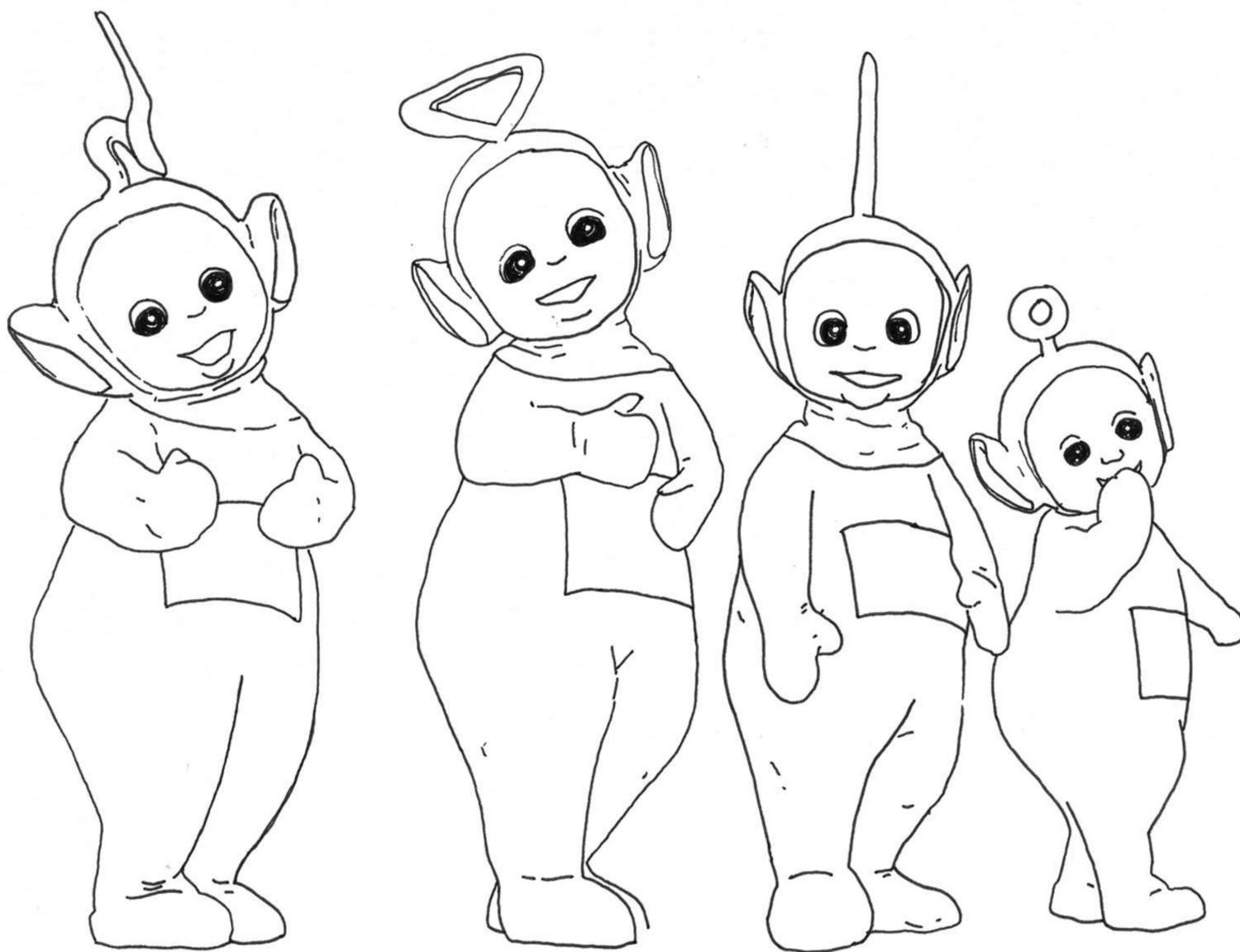
Nesta nossa contemporaneidade hiperestetizada, em que os gostos estéticos e políticos se misturam na assombrosa disputa por identidades e representatividades outrora silenciáveis, Henrique Montagne produz des/enredos.

Afonso Medeiros



Os Ursinhos Carinhosos
estão aí para ajudar

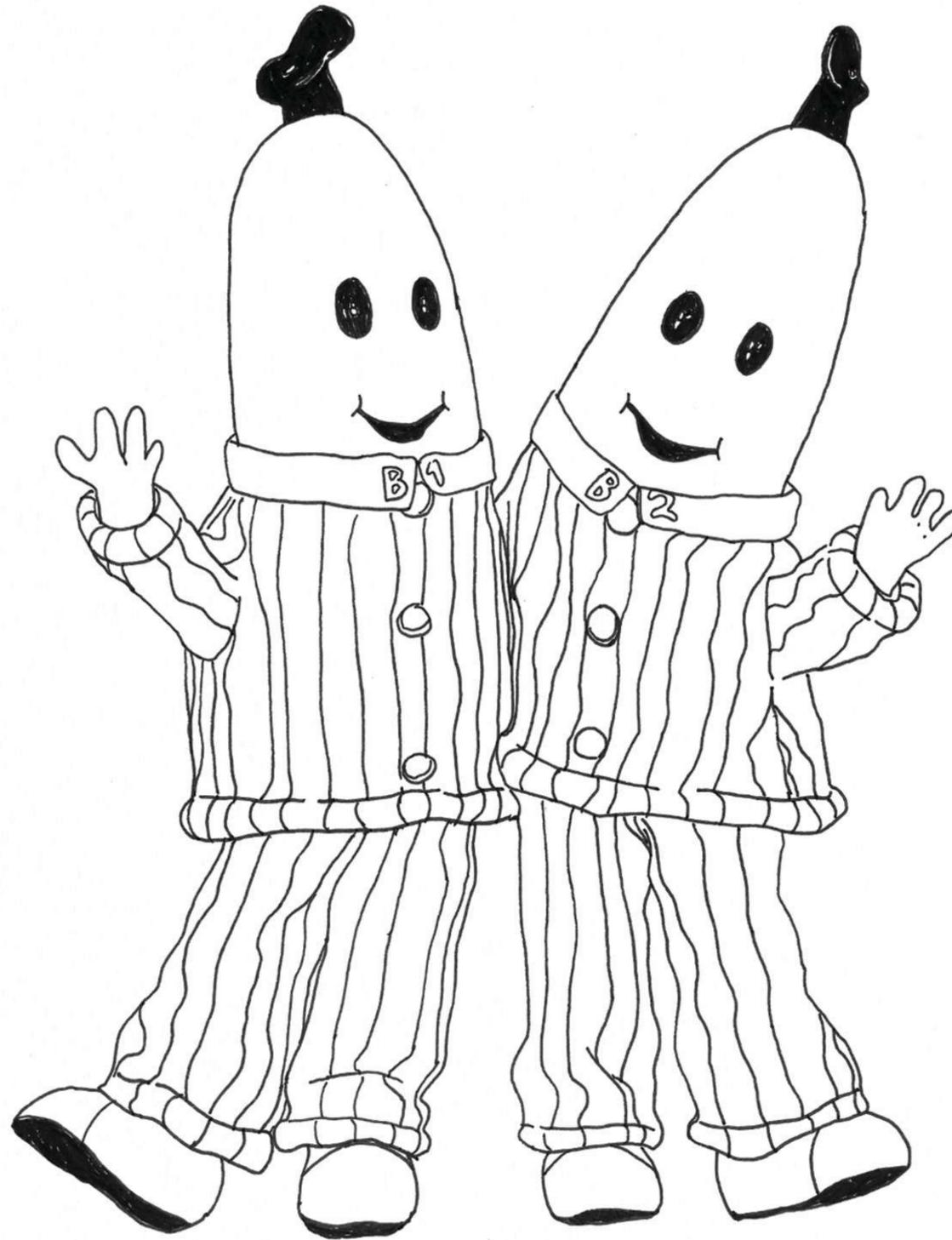
O gênero é uma construção da sociedade



Barney é um amigo



Os bananas curtem disco house



TV CRUJ é amarquista



Castelo Rá-tim-bum é queer.

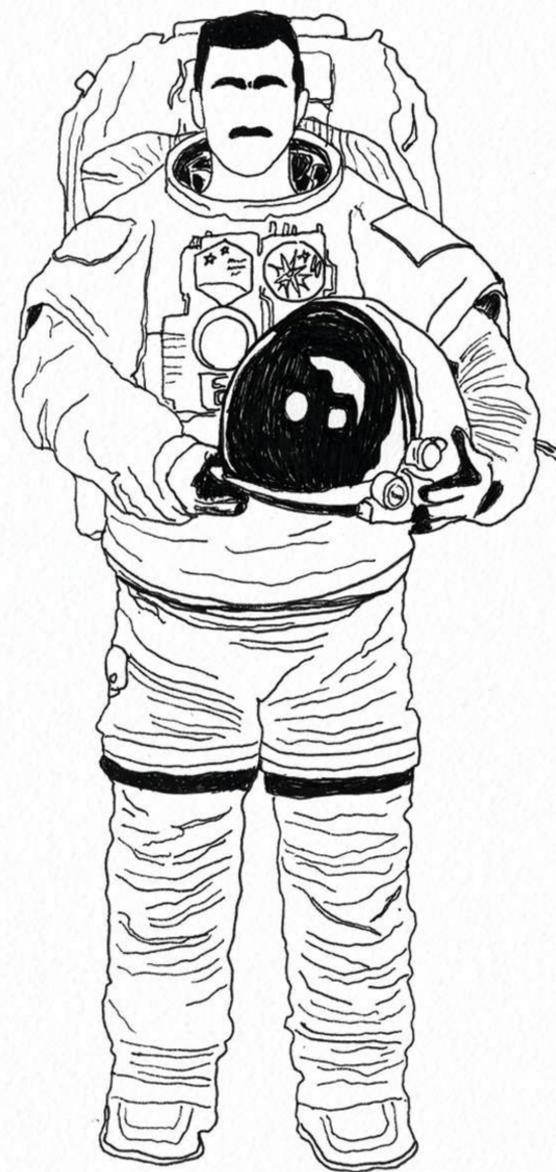


max com max



Ele queria ser uma Chiquitita



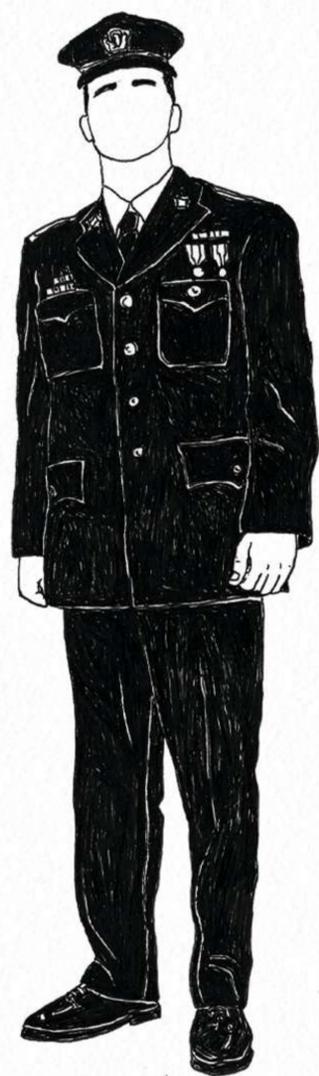






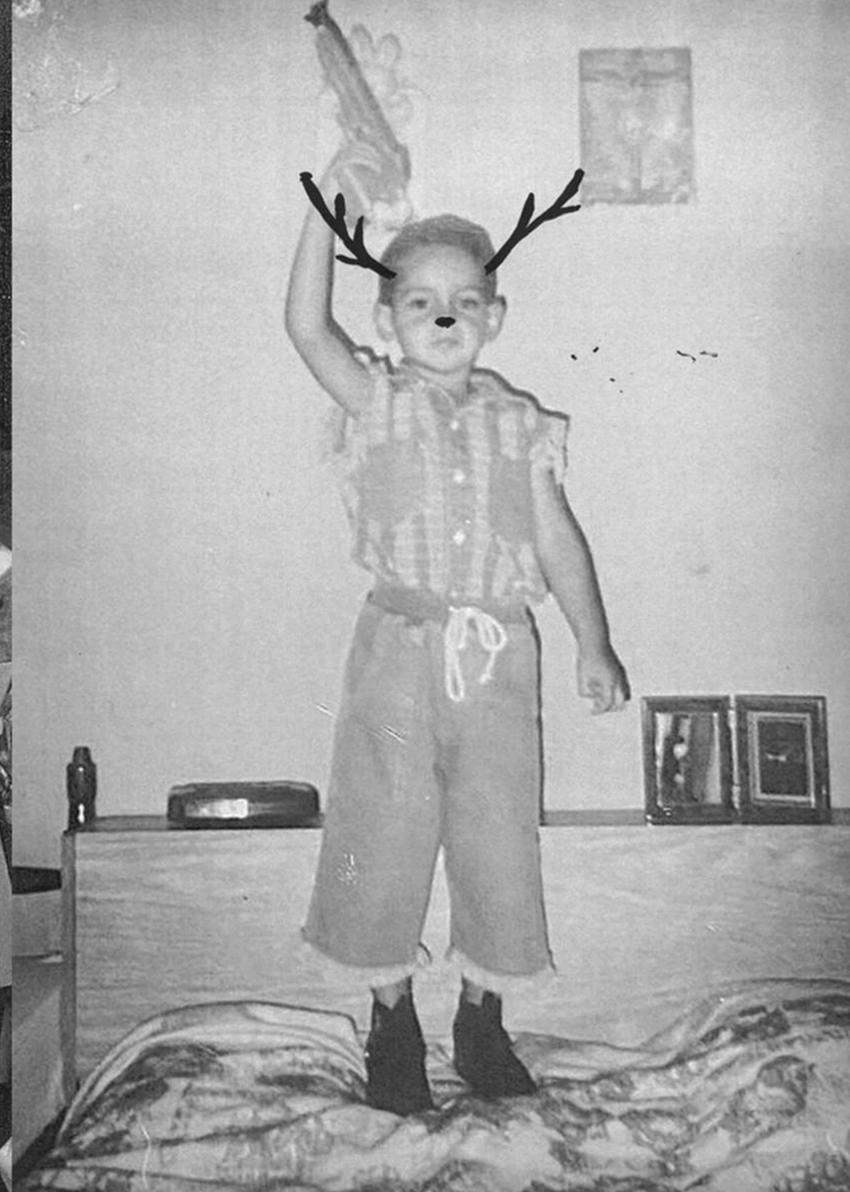
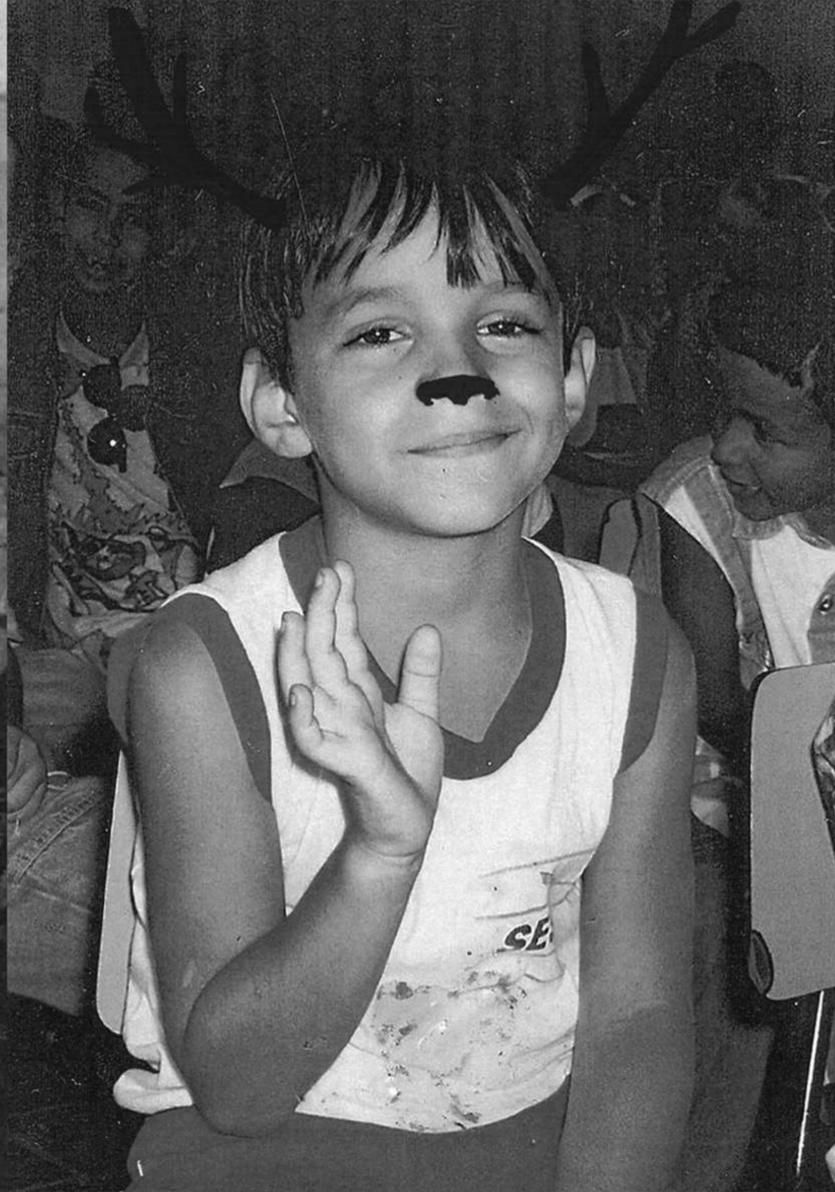








Crianças Viadas (Quem se lembrará da criança que fomos?)
Caneta Posca, Impressão Offset, Cola, Madeira, 42 cm x 29 cm (cada), 2023

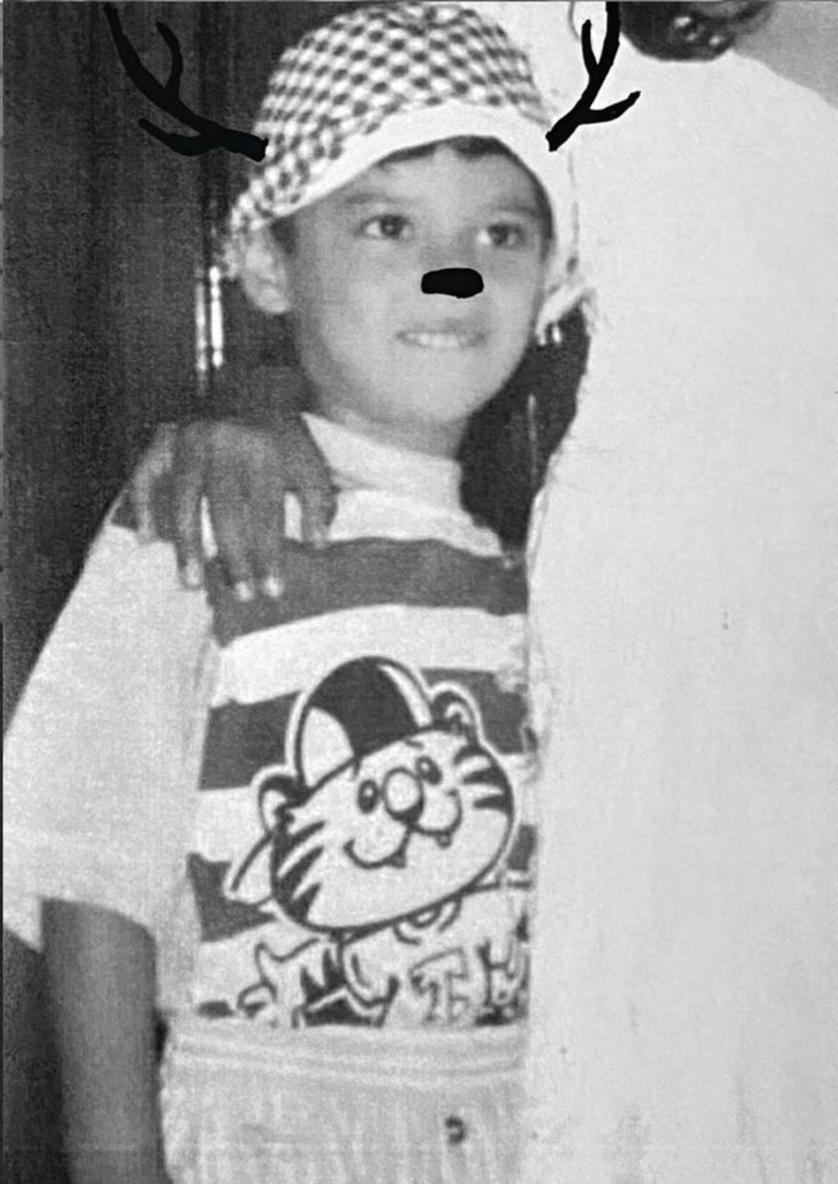




Agradeço aos Adultos Viadas
brasileiras que cederam as
fotos de suas Crianças Viadas
interiores para concepção desta obra.

Morillo
Phellipe
Tiago
Nivaldo
Lucas
Gabriel
Fábio
Danilo
Rafael
Babu
Paulo
Phelipe
Vitor
Darlyson
Raphael
Marco
Henrique (Eu mesmo)

E a todas as outras que sobreviveram
que conseguiram chegar até aqui.



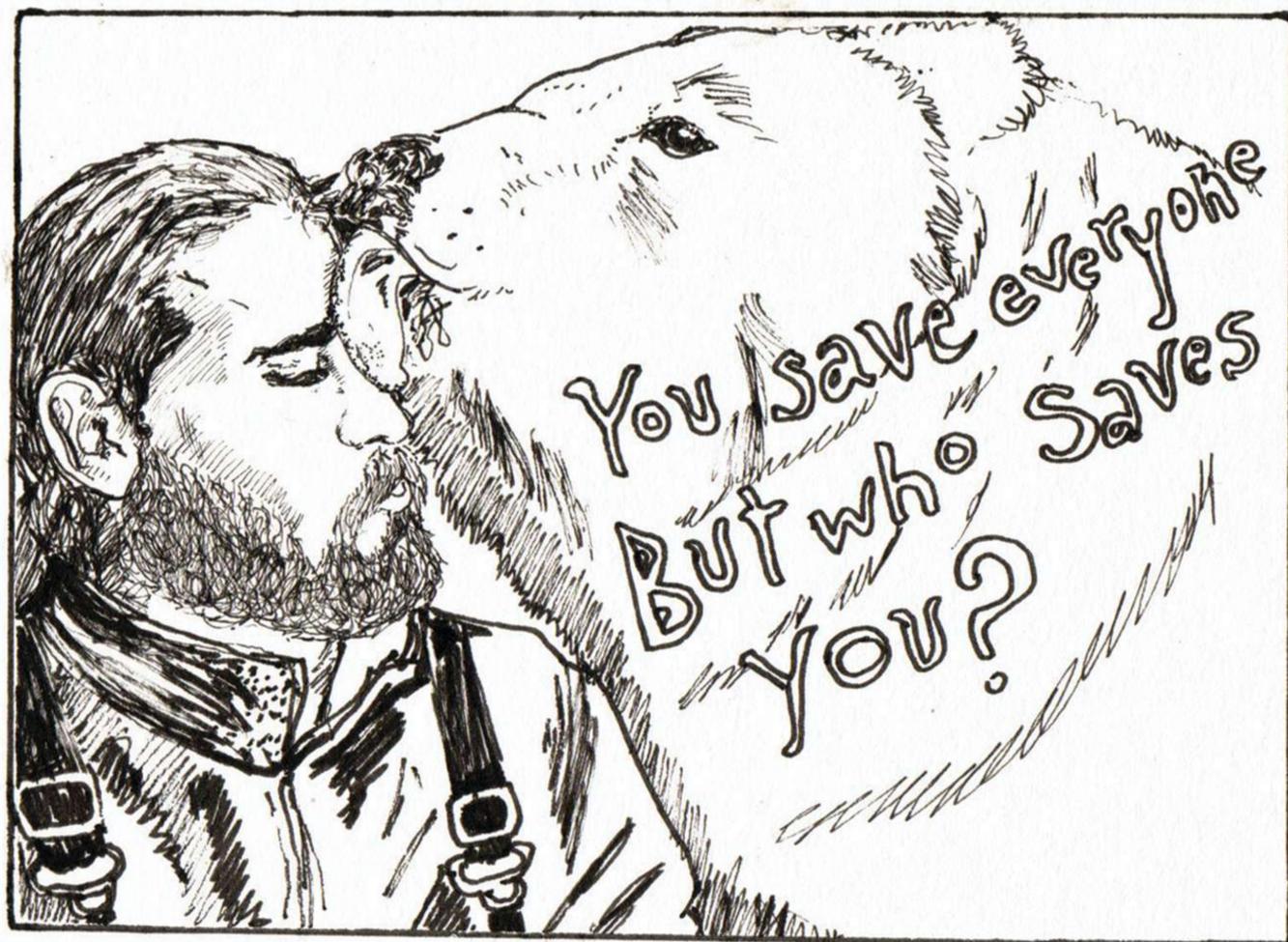


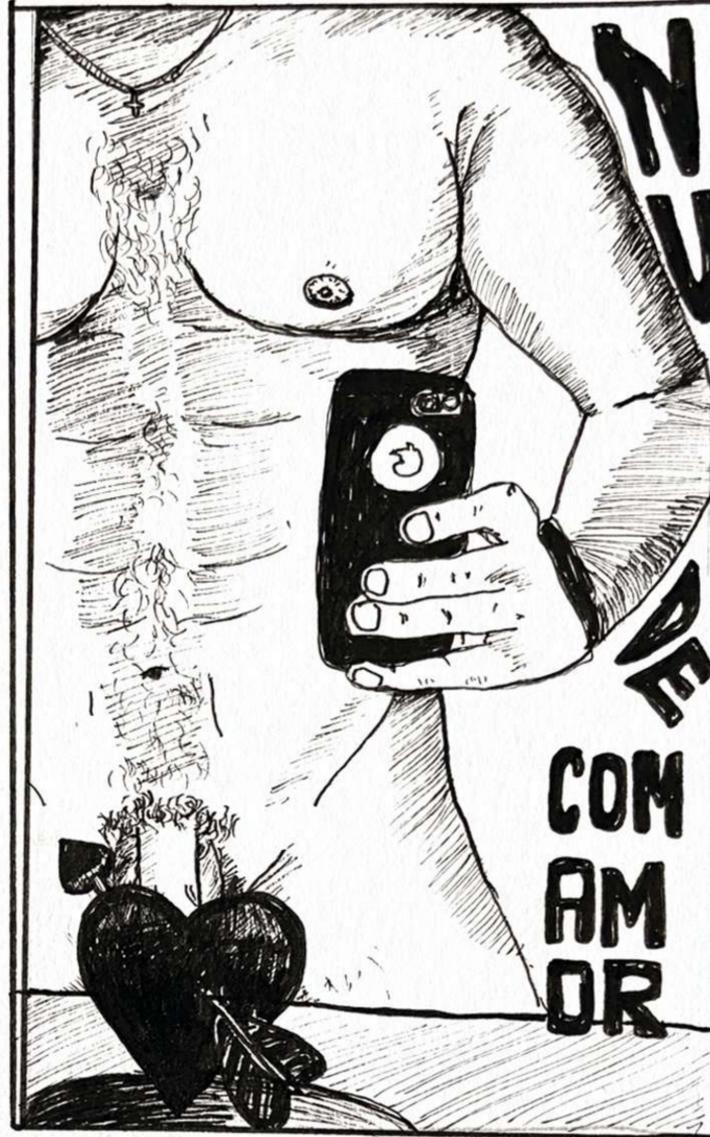
Miss Pica Pau
Do políptico *Drags*, Pintura, Acrílica s/ tela, 42 cm x 29 cm, 2022

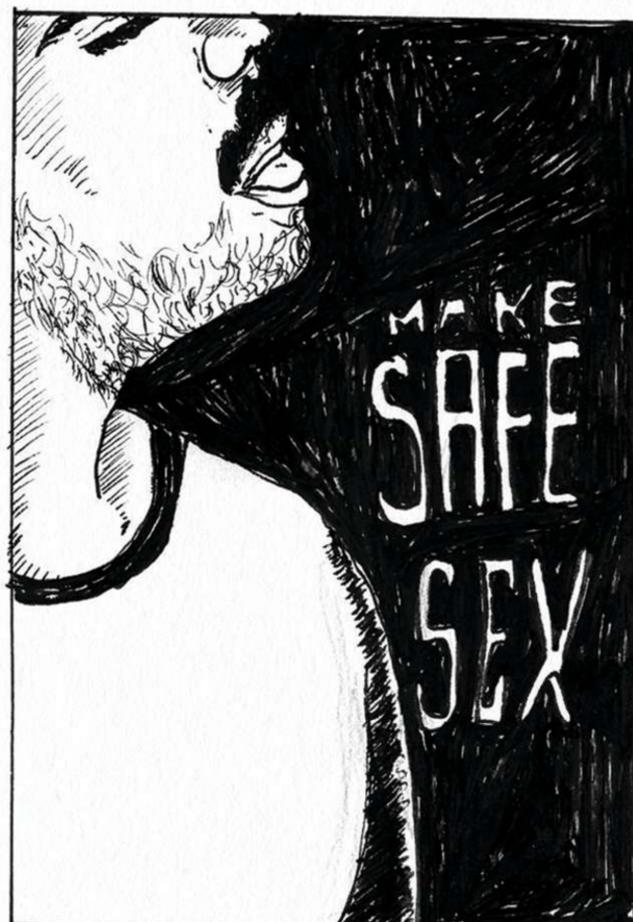
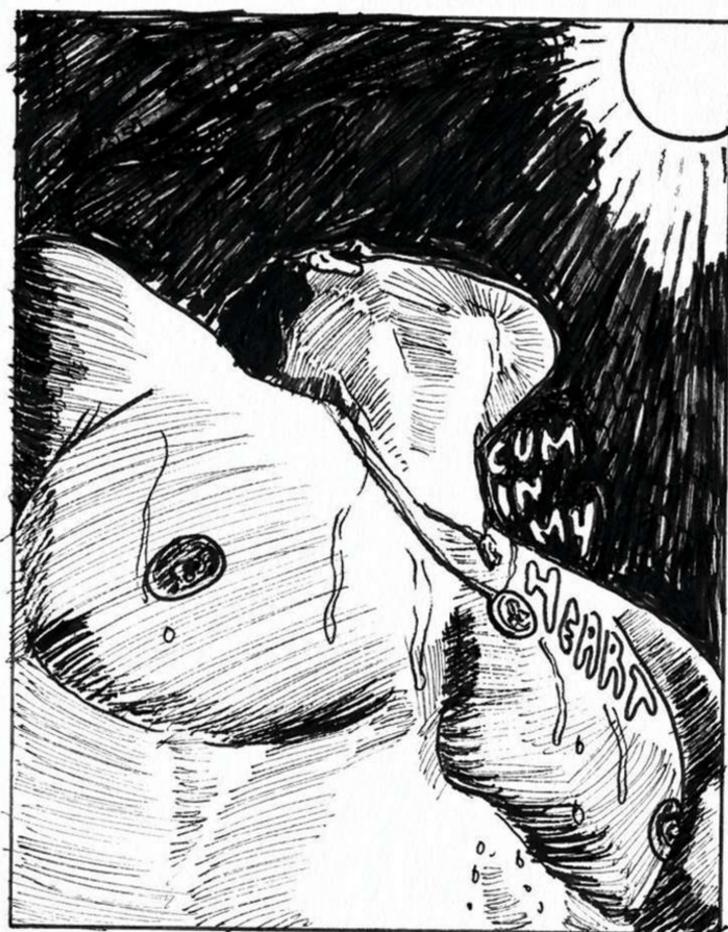


Miss Pernalonga
Do políptico *Drags*, Pintura, Acrílica s/ tela, 20 cm x 30 cm, 2022









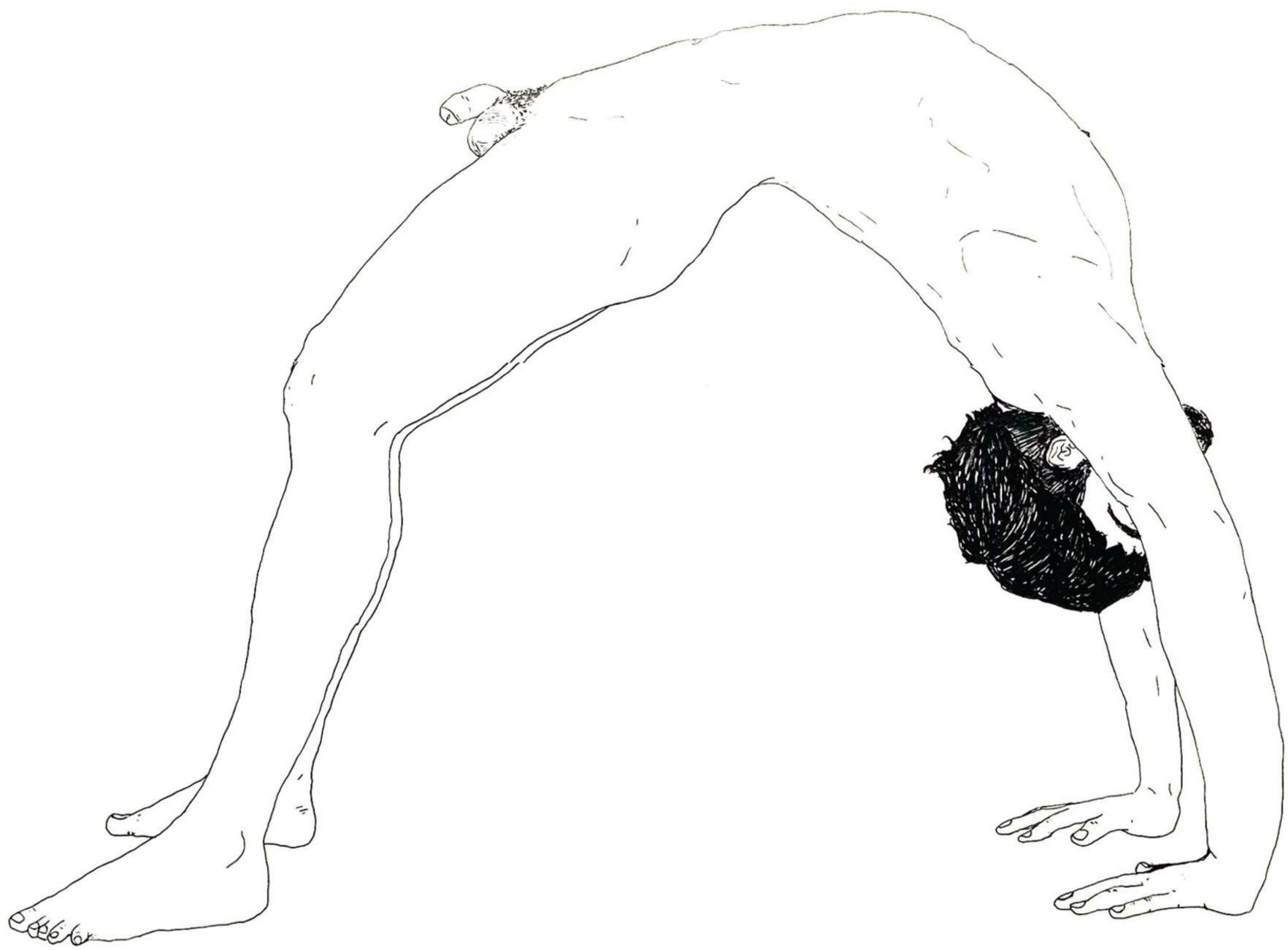


2023

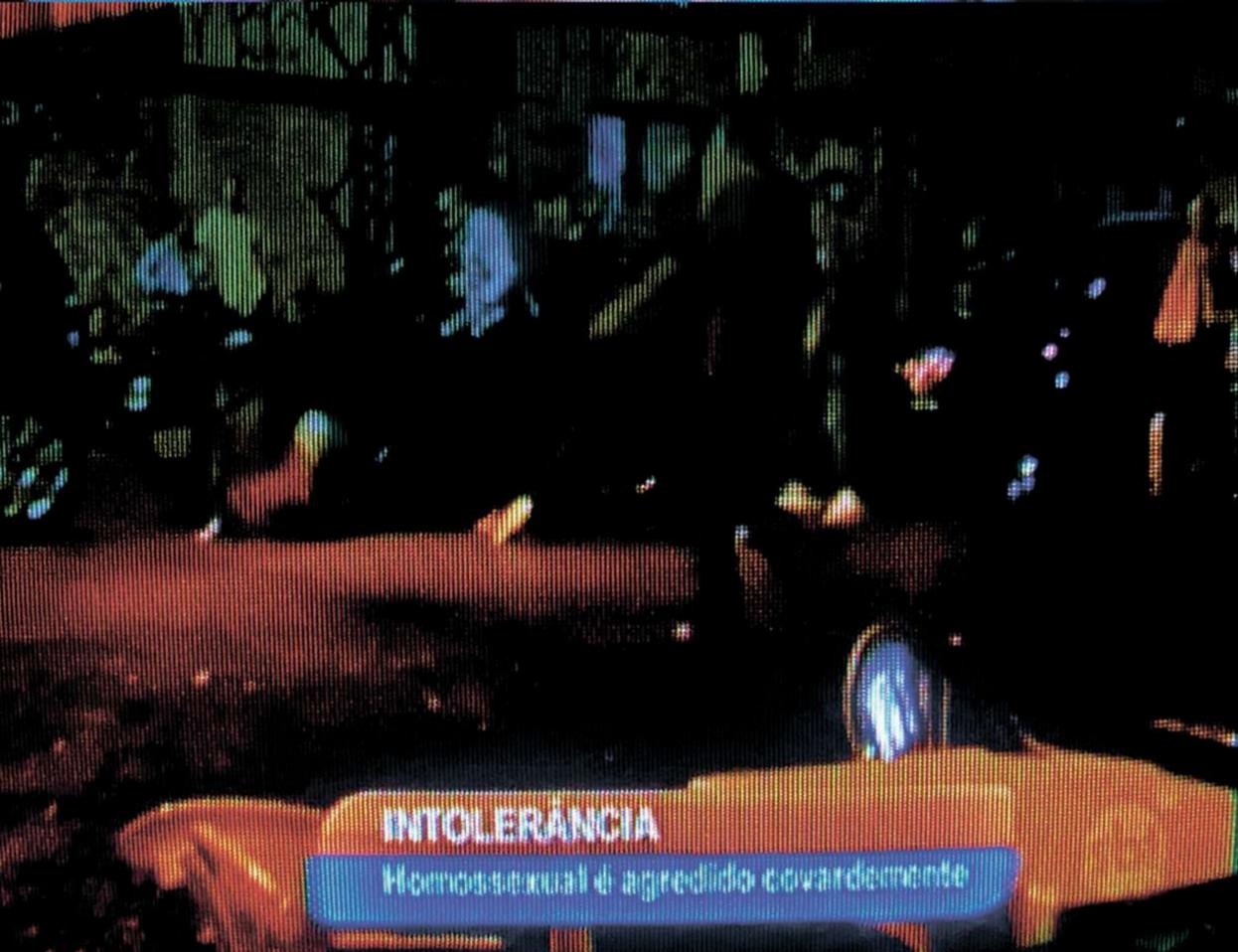
Henrique Montoya

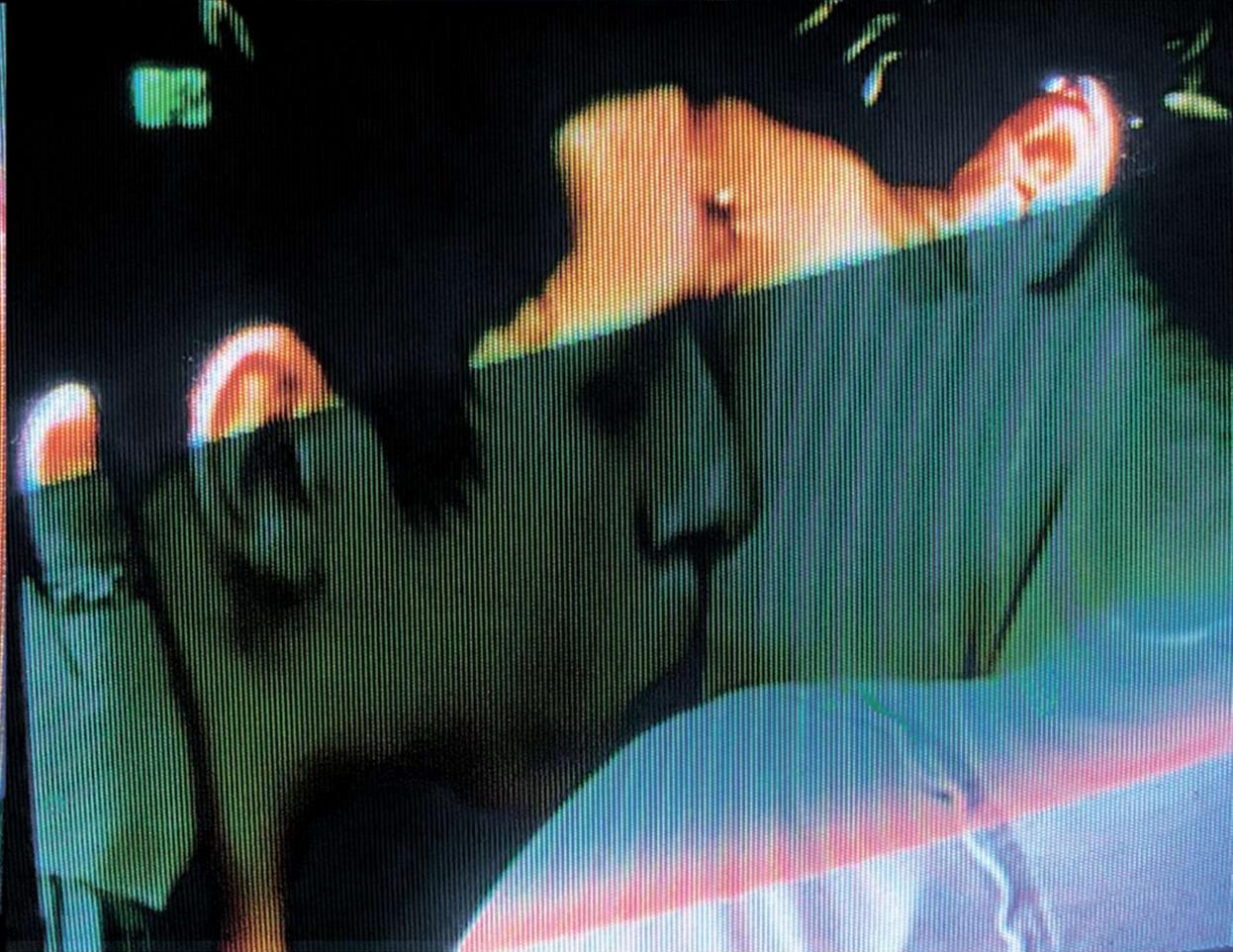
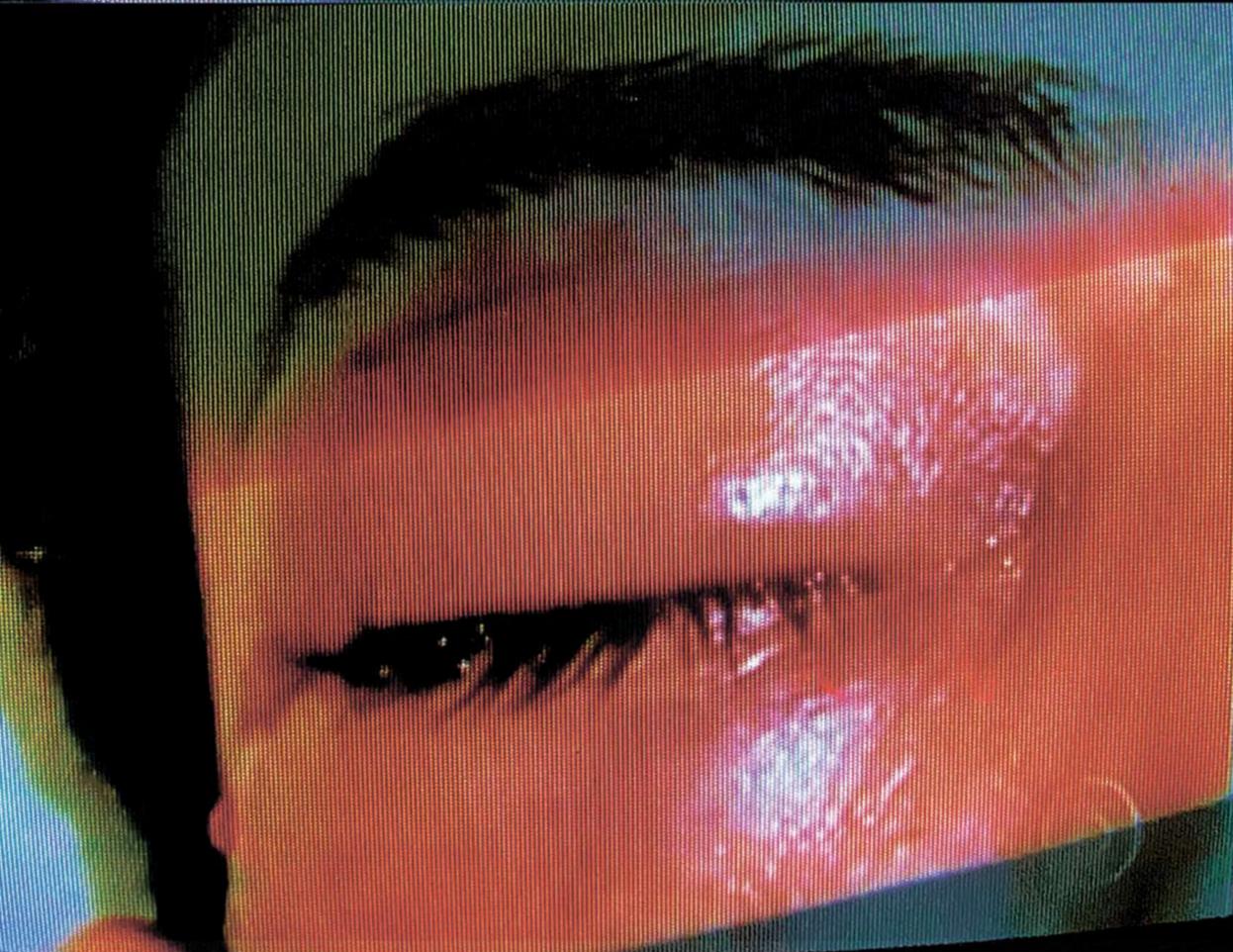
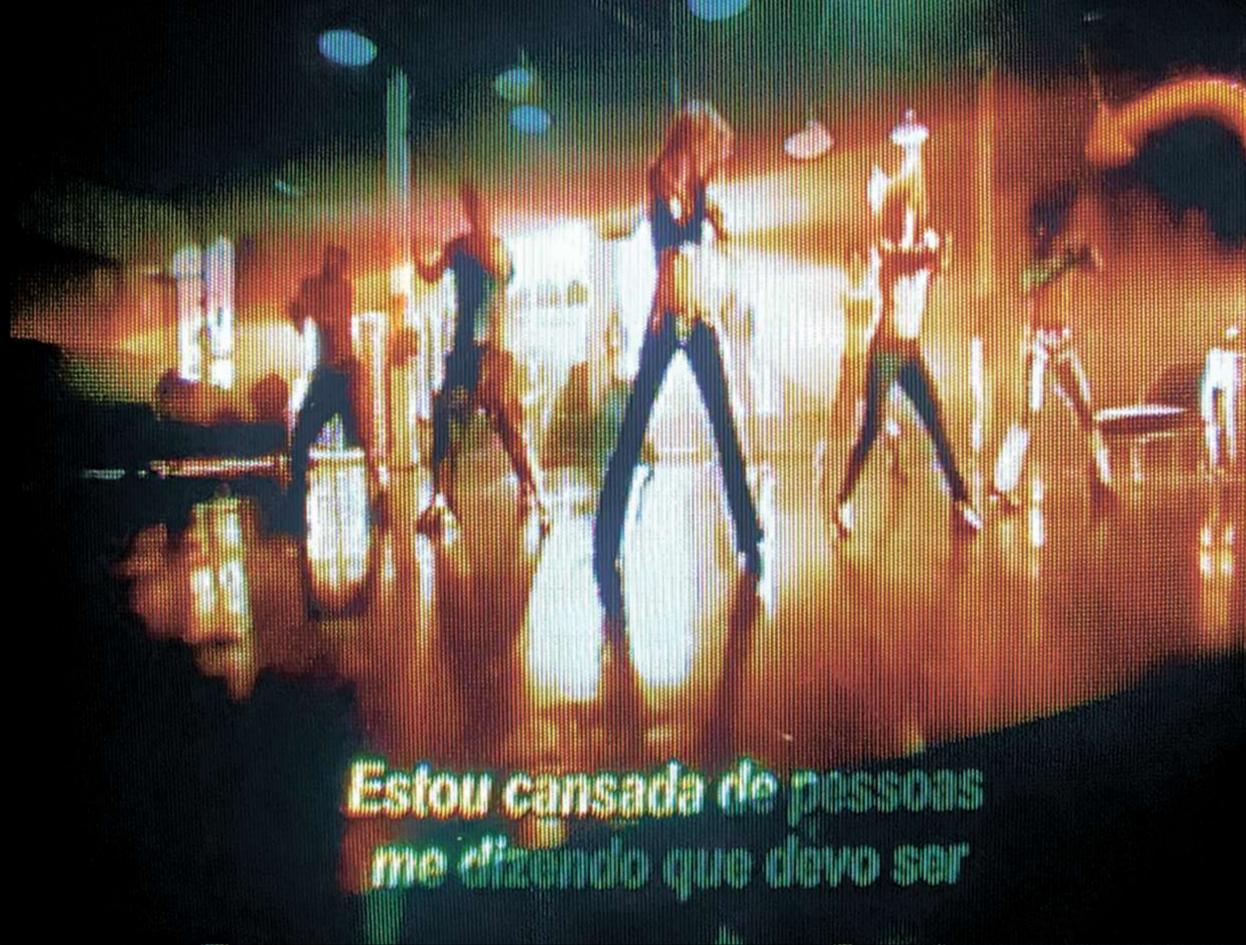


Invertido I
Desenho, Nanquim s/ papel canson, 61 cm x 85 cm, 2022



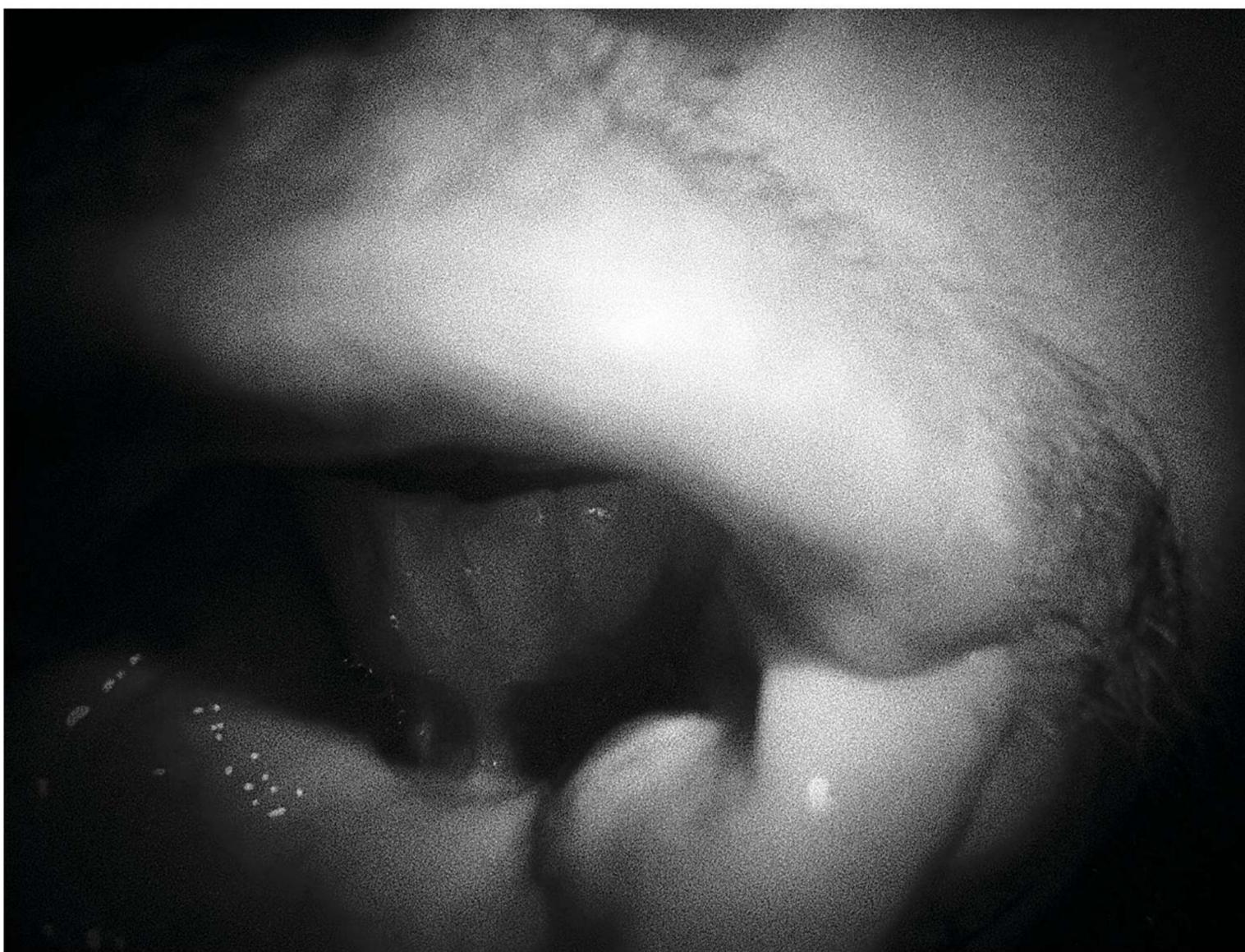
Invertido II
Desenho, Nanquim s/ papel canson, 61 cm x 85 cm, 2023







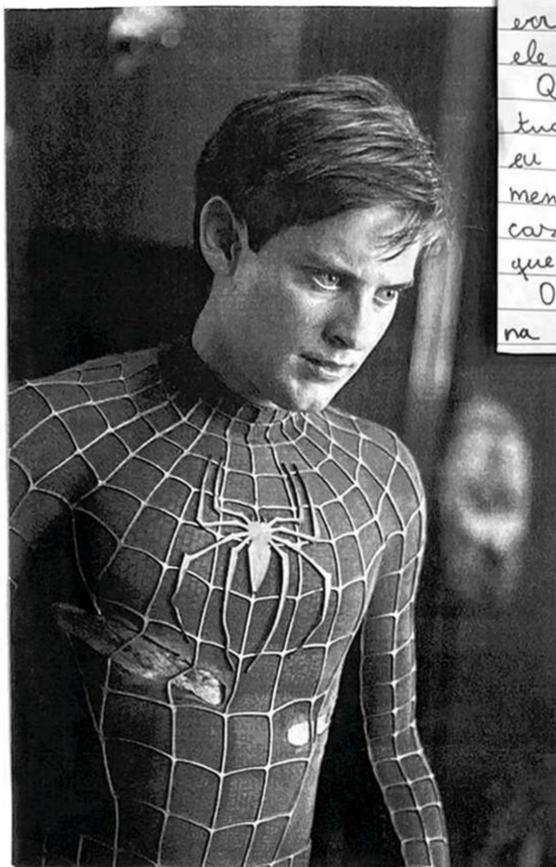
Explica
Fotografia, Pigmento mineral s/ papel algodão, 23 cm x 31 cm, 2016



Retrato com a boca costurada I
Fotografia, Pigmento mineral s/ papel algodão, 23 cm x 31 cm, 2017



Retrato com a boca costurada II
Fotografia, Pigmento mineral s/ papel algodão, 23 cm x 31 cm, 2017



O Homem aranha era o Tobey Maguire, mas eu não pude ver ele no cinema.

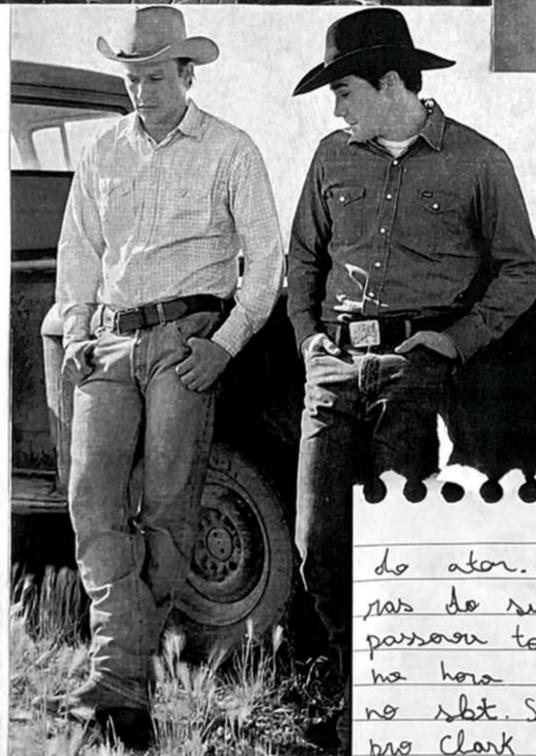
Queria ter uma tatuagem tribal quando eu fosse mais velho; os meninos da rua da casa do vovô falaram que era muito gay.

O filme dos cowboys passa na globo, meus pais vieram



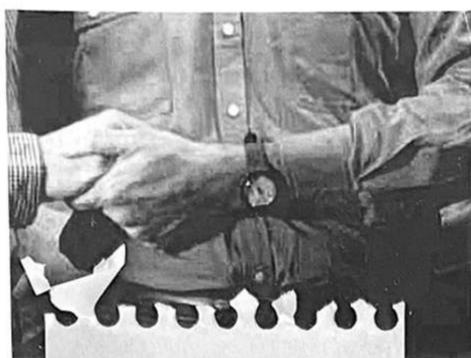
- mas falaram pra eu dormir antes, eu fingi que estava dormindo. Abri o olho na hora do beijo deles. Minha mãe saltou um: "Credo!". E eu chorei no fim, mesmo uscando só com os ouvidos, todo o filme.

Consehamos o Small-vilhe só era bom por causa



do ator. As aventuras do super boy, passou todo domingo na hora do almoço, no sbt. Sempre torcia pro Clark Kent ficar sem camisa ou com cara de dor por causa da Cliptonita.





Minhas principais referências da arte não. Gay e pi estão mortas. As descobri buscando. Existem pedaços delas em mim. Se foram um pouco mais velhas que eu agora com a minha idade.



Eu torcia pra Elke ou pra Vera Verão aparecerem num Domingo na TV.



Nunca me falaram sobre o Tibira em toda minha vida. Hoje eu sei que sou seu descendente.



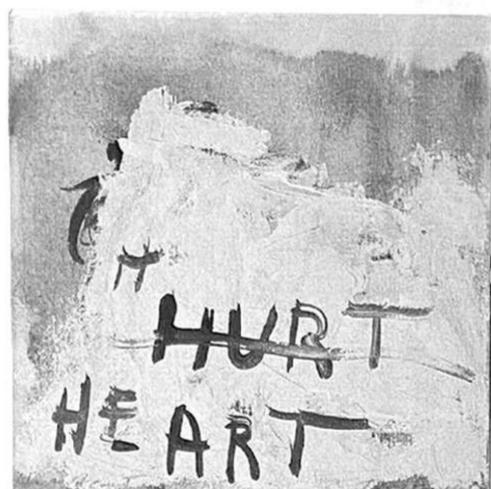
Assisti O menino e o Vento com 22 anos. Nem sequer mencionam esse filme na História do Cinema Brasileiro. Eu vi pela 1ª vez em preto e branco o amor ganhar vida em português. 40 anos depois, um beijo simples em uma novela das 9 não aconteceu, e nunca foi visto.



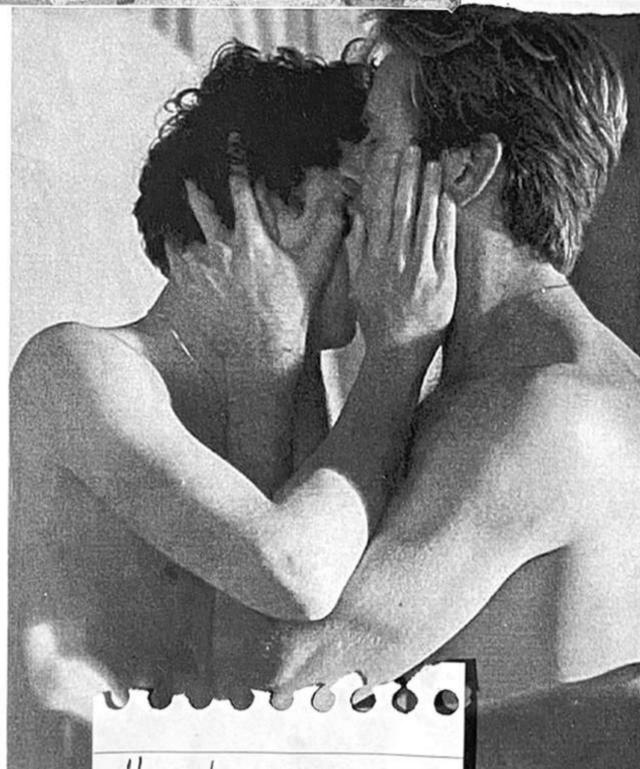


Em uma noite de lua cheia eu vi o diabo em uma costela e ele me perguntou aonde eu ia

Da série *Arquivo X*, Colagem, Caneta Nanquim, Papel Sulfite, Pigmento mineral s/ Papel Couché, Cola Branca, 42 cm x 29 cm, 2023



Quando eu era mais
Jovem eu vivia perdido,
hoje eu me perco
mesmo estando sóbrio.
Dúvido que meu prim-
eiro amor lembre meu
nome.



Dói.

Um homem com uma
dor se mostra raparou-
te. Não fica difícil
confiar naqueles que
sabem fingir?





Like a Prayer (Como uma oração)

Da série Arquivo X, Colagem, Caneta Nanquim, Papel Sulfite, Pigmento mineral s/ Papel Couché, Cola Branca, 42 cm x 29 cm, 2023

O QUE NÃO É EXPLÍCITO, O QUE NÃO É DITO

A conversa abaixo foi realizada por e-mail entre o artista e pesquisador Álvaro Seixas e o artista Henrique Montagne nos meses de setembro e outubro de 2023.

A.S: Olá Henrique, a primeira pergunta para iniciarmos nossa conversa é sobre mídias. Seu trabalho percorre algumas mídias, mas o desenho e a colagem (e fotomontagem) se fazem muito presentes. Por que a sua escolha por essas práticas ou meios artísticos?

H.M: Neste projeto intitulado 'Invertido', foi como uma revisita as compreensões de arte que estiveram em contato comigo durante minha infância/adolescência até a fase adulta. Uma delas, e que está muito presente nessa exposição é uma dedicação ou homenagem a ideia de desenho. Antes que a exposição estivesse definida algumas obras já estavam realizadas, uma ou duas séries diferentes, quando eu me dedico a uma exposição meio que as coisas acabam vindo primeiro para depois eu entender que há algo naquele processo que sucumbe em uma narrativa. Explicando, existe uma "dificuldade" em trabalhar num campo de vista teórico, sobre meu próprio processo com mídias diferentes, até perceber o ponto em comum em que as linguagens conversam e quando elas começam a falar sobre determinada coisa juntas, até perceber um "ok temos alguma coisa aqui", acho que isso é construir uma exposição, é perceber uma narrativa que está se construindo.

O desenho sempre esteve presente acredito em conexão em grande parte das pessoas, é uma das primeiras linguagens que entramos em contato na infância antes da própria escrita (que eu também reflito como desenho nessa exposição) e segundo estudos neurais, é fundamental para o nosso desenvolvimento motor e intelectual, a exposição faz uma reflexão neste longo processo de maturidade na vida de homens LGBTQIA+. O meu trabalho quando não dá conta de passar determinada mensagem em uma linguagem, ela se expande para outra, é um processo. Desdobrando-se. Do desenho para fotografia, da fotografia para instalação, da instalação para o objeto, chegando à colagem.

Nesta exposição não é diferente, quando dei por mim estava realizando uma série de colagens manuais, que era uma linguagem artística que nos é apresentada na adolescência, as escolhas das linguagens são um retorno às minhas memórias com elas, me lembro que fiz muitos cadernos personalizados para mim mesmo, com colagens de revistas de banda pop rock. Aqui eu elevo a

colagem em um cunho mais conceitual, unindo a escrita que para mim é um ato de desenhar, pois eu tento refazer a minha escrita de quando eu era adolescente com imagens recortadas em estruturas retangulares. Como uma espécie de mapa mental ou arquivo analítico de um caso.

A.S: Você colocou inúmeras questões, importantes. Me chamou a atenção, de início, um ponto: não são apenas colagens, mas "colagens de revistas de banda de pop rock". Esse ponto se torna ainda mais crucial em tempos de "show do Eu" das redes sociais, em que somos colocados na condição de performar a imagem de uma celebridade instante após instante. Acho importante lembrar que na arte brasileira temos artistas que flertaram com esse universo da cultura pop e/ou da música pop ou ainda o fazem: Leonilson, Leda Catunda, Jac Leirner e Dora Longo Bahia. São nomes que rapidamente me vem à mente, poderíamos nos aprofundar e descobrir, lembrar de outros. Como você pensa essa relação da arte brasileira com a ideia de pop? Há outros artistas brasileiros que te interessam e que agenciam essas ideias: Brasil & Pop?

H.M: Eu vejo essa relação de proximidade com a cultura pop devido às fortes influências do capitalismo e da globalização, como elas reverberam em nós de forma tão marcante. Mas também se relaciona com a facilidade que mensagens e imagens são passadas. Trazendo isso como referências para determinados aspectos. Quando pensamos em pesquisa científica ou processo, só pensamos no campo acadêmico e teórico da nossa própria área, mas talvez alguns não percebam o poder de outras formas de linguagens ou disciplinas, o próprio poder da imagem ou da música em si. Me pego anotando trechos de músicas que mexem muito comigo, me fazendo refletir no meu próprio trabalho, na vida. Me recordo de dar print em cenas de filmes que eu alugava. Eram diálogos que mexiam comigo, era uma relação de proximidade ali, não só de entretenimento. Isso reverbera no nosso pensamento, em meu TCC, eu referenciei cenas de séries, como Black Mirror e Twilight Zone, para falar sobre auto-ficções em meu trabalho por exemplo.

A personagem da Zoë Kravitz no remake de High Fidelity (2020), diz, "Fazer uma playlist é uma forma delicada de arte, você pode usar a poesia de outra pessoa para expressar como você se sente". É um pouco sobre isso, a música, o cinema, a arte são formas de atingirmos determinadas reflexões.

Voltando para as artes visuais e o que acho sobre isso, Leonilson cita Madonna como inspiração para desenvolvimento de suas obras e ficções, assim como outros trechos de músicas que ele escutava na rádio, filmes no cinema, propagandas de tv, literatura queer estrangeira que ainda era inacessível no Brasil, tudo é relatado em fitas deixadas após sua morte Eu sou de outra geração, muito mais

que a dele, e hoje já é datada como década passada, mas ainda assim me vejo constantemente nesse processo artístico e imersivo que o Leonilson traz.

Os artistas que são minhas referências hoje, trabalharam também sobre esse aspecto no Brasil, foram pessoas queers, estas faziam mesmo que empiricamente uma possível arte sobre gênero, trazendo aspectos pessoais das suas próprias vidas, onde a tal arte queer não existia, ainda mais em um Brasil pós-ditadura. Cláudio Goulart, Rafael França tiveram uma carreira mais reconhecida lá fora, Hudinilson Jr. e o Leonilson ficaram no Brasil, todos eles podem ser lidos como artistas multimídia.

O meu trabalho *Arquivo X*, tem como referência a ação da colagem do trabalho *Caderno de referências* do Hudinilson Jr., o trabalho são agendas que ele transformava em livros de imagens, lotando cada página com diversas imagens de revista e jornal, trazendo aspectos eróticos entre homens e suas masculinidades, cantores, modelos, atores globais, coisas datando a década 1980/1990 que se misturavam em meio as tantas possíveis composições estéticas.

Ser artista, é como carregar imagens e informações que colecionamos desde a escola e que levamos de volta pra casa em mochilas pesadas que continuam a caber muito, caminhando todo dia com o peso sob as costas.

A.S: O Hudinilson Jr é realmente uma ótima lembrança da arte da xerox, colagem e da recombinação de imagens e, obviamente, dos muitos jogos eróticos. Pensando na obra dele e também nos seus trabalhos me vem em mente a ideia de abjeto e um pensador que muito me impacta: Georges Bataille. Cito Bataille, pois gostaria de trazer a associação do erotismo, da dor e do abjeto. Em Hudinilson Jr a morte está sempre presente nas imagens de esqueletos, o alto contraste das fotocópias preto e brancas criam uma atmosfera gótica noturna. Há, ainda, os pormenores dos corpos masculinos, os pelos que quase podem ser confundidos com a pele de animais, de bestas. Agora, falando dos seus trabalhos, também noto essas distorções narrativas. Figuras fantásticas, góticas, um erotismo nada suave. Vampiros são pop... você pensa nessas questões?

H.M: Eu penso o erotismo como um 'anti-erotismo'. Escrevi um pouco sobre o que eu acho disso em um story há uma semana atrás. Não conheço o trabalho do Bataille, que citastes. Mas acredito que as coisas podem ser jogadas subjetivamente sim, isso reverbera e também pode soar como uma tensão no meu trabalho, ou melhor, subtensão. Pois, todos os corpos que construo fazem curva a ideia do desejo, mas sim de algo que instiga e que busca uma leitura da linguagem corporal destes corpos. Um exemplo disso é a retirada dos olhos do meu figurativo, não desenho a íris dos olhos

Não me atentei nas possíveis intenções que meu subconsciente traz. Eu via como uma questão plástica, mas quando um certo curador perguntou o significado, eu não tinha a resposta na hora e fui atrás buscar.

A priori, fiquei refletindo sobre aquelas frases de efeito, como "*O que os olhos não vêem, o coração não sente*", será? Acho que tem tantas coisas que podiam ser vistas, ou ditas, mas não foram ou não são, que trazem sensações tão intensas e talvez mais dolorosas. O que não é explícito, o que não é dito, evoca um estranhamento, uma falta e por si um peso, um volume. Isso pra mim trás um estranhamento desses homens, seria algo fantástico.

Me lembrei agora muito de Zumbis, quando trazes isso, do gótico ou do terror. Algumas representações deles tanto no cinema, quanto no desenho, existe apenas o branco nos olhos. As ações do corpo exterior existem, mas talvez sua alma esteja perdida ali dentro no fundo de sua mente. Um humano que não possui mais a possibilidade de externalizá-la, apenas existe a selvageria, ou um doloroso estado de incapacidade de não poder viver como antes ou nem saber o que se é ou se foi. Posso citar nesta reflexão, *A noite devorou o mundo (2018)* um filme de horror atmosférico com uma carga dramática e o thriller queer *O Fantasma (2000)* de João Pedro Rodrigues.

Um dia fiz essa pergunta no meu story, sobre os olhos e um colega respondeu que é porque os homens não têm alma, me indaguei (será que eles são ou estão vazios por dentro?), pausa para aquele outra expressão, "*Os olhos são a janela da alma*". Bom, se são a janela, no interior destes homens só tem o branco do papel, trazendo o que você diz sobre Vampiros, os Vampiros não tem alma não é? Existe algo fantástico ou gótico nisso sim, os seus corpos vazios, descobri no desenho com caneta nanquim essa reflexão corpórea de representação até então nada intencional, mas comecei a reproduzir e perceber como uma assinatura, pelo menos no meu desenho em nanquim. No meu desenho em grafite, uso sombreados com o dedo, mas o olho vazio, sem íris continua lá.

Tenho uma performance chamada "Sede", nas vezes que eu o ativei, realizei usando as relações do meu próprio corpo com a necessidade de preenchimento de um vazio interno (bem dramático eu sei, mas é quase como analítico). A proposição deste trabalho consiste em beber repetidamente um líquido. Realizei 3 vezes em anos distintos da minha vida, a primeira foi água, a segunda vinho, e a terceira água com vinho. Tem uma conotação religiosa e cristã com a história de Jesus, a transformação da água pro vinho, a vida e a morte estão ali, algo gótico.

Voltando ao desenho em nanquim, comecei primeiro trazendo o sombreamento em hachura, isso foi em 2016, muito da influência

da escola underground americana de quadrinhos sujos de 1980. O trabalho *Queer HQ's* comecei naquele ano é um exemplo disso, eu parei de usar hachura, quando retomei, foi para continuar a série para essa exposição. Tive que manter o padrão do desenho, mesmo o meu estilo de sombreamento tendo mudado. Hoje eu trago mais o pontilhismo, ainda estou nele, eu acho. Gosto da ideia do pontilhismo. Por que trás realmente a ideia do desenho como um texto e com pontos finais, um texto que não precisa ser falado, mas pode ser lido. Para escrever um texto é preciso do traço, da linha e de pontuações. No meu desenho é a mesma coisa. A linha, o traço, o ponto, e o papel ou superfície.

Acho interessante dizer que fico realmente livre em relação ao que os outros interpretam com isso do vazio, dos olhos, do branco, do preto. A ideia noturna, da noite, do gótico acolhe as questões sensíveis do trabalho, em *Invertido II*, a figura masculina está curvada se invertendo, remetendo quase ao *Exorcista*, não foi intencional. Foi uma fuga que se tornou assinatura estética, para desassociar a arte queer do sempre colorido da bandeira LGBTQIA, que hoje se tornou um clichê para grandes corporações usufruírem de modo neoliberal determinados nichos. Nossas histórias não são tão coloridas assim, existe muita dor, mas também muito amor. E tá tudo bem também, sabe. Acho que é isso, equilíbrio.

A.S: Você usou a expressão “anti-erotismo”. Penso que o eros é justamente algo “anti-” em sua essência. O símbolo do eros é a flecha, algo que arrebatava! Algo que fere, faz sangrar e deixa marcas. O erotismo é espinhoso e tem algo de interdito (Bataille). Não é liso. Não é necessariamente belo ou delicado. A ausência de olhos nas suas figuras promove o enigma, a opacidade, a sedução e a cupidez erótica. Se tudo fosse revelado, se tudo fosse transparente os seus desenhos ou colagens deixariam de ser eróticos e perderiam sua potência de antagonistas. O Eros se dá nesse antagonismo, na diferença entre o Eu e o Outro, necessária à alteridade, ao jogo erótico da arte. Esse jogo se torna fraco na violência brutal e pornográfica do capital, da arte pasteurizada, que tudo revela e desritualiza nossa relação com as coisas, com nossos corpos e quer nos fazer idênticos. Nos despimos de nossas fantasias e tudo tenta se tornar igual. Impera a depressão do igual. Baudrillard escreveu textos maravilhosos nesse sentido. Quando leio a expressão “anti-eros” eu compreendo o que você diz, mas me vem em mente, justamente, a dimensão pornográfica do capital: que tudo tenta declarar, definir ou transformar em commodity. E, na minha visão, o seu trabalho se opõe a essa pornografia neoliberal. Nesse sentido é “anti-porn”. Não um “anti-porn” que cria tabus sobre o corpo, mas que busca ritualizar o corpo: algo tão objetificado ou, pior, datificado e quantificado. Já em outro momento muito importante na sua fala, você fala de técnicas como o pontilhismo e a hachura. Em

inglês, hachura é “crosshatching”, o que sugere a imagem ou o funcionamento de uma trama. A hachura é um tratamento visual tudo menos menos liso. Esses arranhados ou riscados que marcam a superfície do papel ou de uma matriz geralmente de metal ou madeira que servirão para imprimir gravuras etc. Não tenho como não lembrar das hachuras violentas e eróticas do europeu Delacroix, muitas vezes representando cenas que conciliam horror e prazer, morte e vitalidade. Me vem em mente o conceito de “cruzo”, que o Luiz Antonio Simas e o Luiz Rufino usam muito em seus textos, aulas e falas nos botecos cariocas. Para mim, nada mais erótico do que uma hachura, esse entrecruzamento ou encruzilhada de linhas e sensações visuais que, no seu caso, servirão não apenas para criar a ilusão de carnes, músculos ou genitálias, mas principalmente realizar esse cruço ou atravessamento conceitual de questões políticas/afetivas/simbólicas oriundas dos vários cantos que mobilizam a sua produção. Esse atravessamento é a estratégia fundamental do seu fazer para se opor ao racionalismo reacionário intransigente. Uma estratégia que luta acima de tudo contra o não esquecimento.

H.M: Agora respondendo para adicionar um “final” para a nossa entrevista, conversa, texto. Essas relações de sujo, de fantástico, de mistério, entre o preto do nanquim e seus cruzamentos entre linhas, ou da expressividade de rostos sem face e sem “olhos” possuem relações e conexões sensíveis também entre o uso do preto & branco nas impressões fotográficas, níveis de contraste com aspecto de cópia ou xerox, e o uso destas cores em outros desdobramentos monocromáticos, gravura, serigrafia, impressão, desenho, anotação, são tentativas e formas de gravar memórias para o não esquecimento de histórias que são importantes para a formação da nossa sociedade também.

* Alvaro Seixas é artista visual que trabalha com as ideias de “pintura”, “abstração” e “apropriação” e como esses conceitos se relacionam com o panorama artístico-cultural atual. Doutor em Linguagens Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRJ, o artista é também professor do departamento de Desenho da Escola de Belas Artes, UFRJ, no Rio de Janeiro. Autor de ‘Sobre o Vago. Indefinições na Produção Artística Contemporânea’ (2010)

HENRIQUE MONTAGNE

Belém, Pará (1997)

Em seu trabalho artístico, Henrique traz o universo das vivências dos corpos masculinos Queer e LGBTQIA+ na sociedade Brasileira contemporânea. Construindo narrativas ficcionais e autoficcionais destas vivências de forma poética e política.

Trazendo assim reflexões sobre os papéis de gênero, identidade, masculinidades dissidentes, relações homoafetivas, amor, solidão e cultura queer.

Suas obras possuem atravessamentos entre diversas linguagens, como o desenho, texto, fotografia, vídeo, performance e instalações. Conectados em uma assinatura única e cheia de imaginários.

Henrique possui Bacharelado em Artes visuais pela UFPA (Universidade Federal do Pará), trabalha como produtor, pesquisador e curador de forma independente com a plataforma KUYA em Belém(PA) voltada a projetos de artes visuais na Amazônia.

Participou em diversas exposições, salões e prêmios no Brasil e no Exterior, sendo alguns destes, sua primeira individual, Suaves Brutalidades (2021), Apontamentos sobre as Masculinidades (Portugal, 2023), Festival Lux de Performance (2022), Prêmio PIPA (2022), Thessaloniki Queer Arts Festival (Grécia, 2021), Do Write [Right] To Me (Estados Unidos, 2021/2022), 11º Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia (2020), Sem Título (2017) e III Festival Corpus Urbis (2017).

[instagram.com/kuya.art](https://www.instagram.com/kuya.art)

[instagram.com/henriquemontagne](https://www.instagram.com/henriquemontagne)



FICHA TÉCNICA

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ

Governador: Helder Barbalho

Vice-Governador: Hanna Ghassan Tuma

FUNDAÇÃO CULTURAL DO PARÁ

Presidente: Thiago Farias Miranda

Diretora de Interação Cultural: Cláudia Pinheiro

GALERIA THEODORO BRAGA | BENEDITO NUNES

Gerente: Eliane Moura

Equipe: Carolina Ribeiro, João Paulo Amaral,

Pablo Mufarrej, Renato Torres

Estagiários: Gustavo Sousa, Matheus Duarte, Monique Ferreira

GALERIA RUY MEIRA

Equipe: Deuzarina Vasconcelos, Márcio Lins

INVERTIDO

Artista e Curador: Henrique Montagne

Textos Críticos: Afonso Medeiros e Alvaro Seixas

Expografia: Henrique Montagne e Yasmin Gomes

Montagem: Kuya

Projeto Gráfico: Henrique Montagne

Assessoria de Comunicação: Gil Sóter

Molduras: Max Color

Produção Geral: Kuya

AGRADECIMENTOS

Marcone Moreira (Max Color), Amazonique, Afonso Medeiros, Alvaro Seixas, Adriane Jaqueline, Zair Conceição, Átila Ximenes, Gil Sóter, Yasmin Gomes e a todos que acreditaram e apoiaram este projeto.

REALIZAÇÃO



FUNDAÇÃO
CULTURAL DO
ESTADO DO
PARÁ



GOVERNO DO
PARÁ

APOIO



MAXCOLOR



AMAZONIQUE

PRODUÇÃO

KUYA.